

Classe A



CONHECIMENTO DE CAUSA

A socióloga Maria Esther Fernandes mostra as diferenças entre o camponês brasileiro e o camponês francês no livro "Vivências de Campo, o ofício do pesquisador"

GRANDES ENTREVISTAS

Doutora em gente e ciência da vida

A socióloga Maria Esther Fernandes acaba de lançar livro sobre a vida no campo e o ofício do pesquisador - trabalho que ela faz desde sempre, garimpando setores e comunidades da região e também da Europa.

ENTREVISTA A SIDNEI QUARTIER

sidnei@jornalacidade.com.br

Aos 72 anos, bem vividos, mestra e doutora, ela não para. Divide-se entre teses, pesquisas e publicações de trabalhos. Para realizá-los, mergulha em suas incursões desbravadoras com entrega total. Este último livro, finalizado em doze meses, resultou de uma exaustiva prospeção de nove longos anos, entre comunidades de sapateiros em Franca, gente da periferia de Ribeirão Preto, assentados da região de Andradina e também agricultores da Borgonha francesa. Nesta última, surpreendeu-se com o grau de politização e escolaridade dos camponeses europeus, que frequentam escola fundamental em período integral.



Sidnei Quartier - A senhora iniciou seus estudos onde?

Maria Esther Fernandes - Perdi minha mãe muito cedo, aos três anos. Nessa ocasião, fui morar com minha avó e mi-

nhas tias em São Paulo, onde passei parte da infância. Iniciei meus estudos no Instituto Santa Marcelina, em Botucatu-SP. Ali, cursei os antigos primário e ginásio, de 1946 a 1953.

Sidnei - Então, a senhora voltou a morar com seu pai, no Interior?

Maria Esther - Com o novo casamento de meu pai, que era cirurgião-dentista, ganhei uma segunda mãe. Um ano após, voltei a morar com meus pais.

Sidnei - O Santa Marcelina era colégio aberto ou internato?

Maria Esther - Internato. Desses tempos remotos, ficou um registro: o mundo não era o mesmo para todas as pessoas. Dois grupos separavam nitidamente as irmãs, que pertenciam à Congregação das Marcellinas, com sede na Itália. Aquelas que vinham de famílias abastadas, tinham seus privilégios. Faziam viagens anuais para a Europa, tinham as refeições regadas a vinho e calçavam sapatos sob medida, feitos por artesãos. As que não tinham dotes, trabalhavam na faxina, na lavanderia e calçavam sapatos comuns, deformados pelo uso.

Sidnei - Foi a vida no Santa Marcelina uma espécie de divisor de águas que a levou a se tornar socióloga?

Maria Esther - Não. Desde muito cedo tive interesse pelo humano. Sempre tive uma sensibilidade maior para a questão do humano. O fio condutor das minhas pesquisas de campo, um livro de quatro capítulos, é o humano. São as pessoas.

Sidnei - A senhora fez sociologia onde?

Maria Esther - Na Unesp (Universidade Estadual Paulista) em Presidente Prudente, onde eu residia.

Sidnei - E o que levou uma socióloga a fazer mestrado e doutorado na Esco-

Na verdade, não há espaço em uma sociedade de classes que não seja hierarquizado e não exprima as distâncias sociais, que não têm acesso a tudo aquilo que o urbano oferece a "meia dúzia de gatos pingados", ou seja, a uma parcela reduzida da população.

la de Comunicações e Artes (ECA) na USP?

Maria Esther - Cursei o mestrado de 1972 a 1976 e o doutorado de 1981 a 1986. Pode-se perguntar mesmo por que uma socióloga foi fazer pós-graduação em Comunicação. Tudo nasceu do interesse de analisar a entrada da televisão na zona rural, em nossa região. Então, a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz aconselhou-me a procurar a ECA, onde passei um mês mergulhada em sua biblioteca para me inteirar de uma área que não era minha. Felizmente, no dia da prova escrita, eliminatória, feita para candidatos de todas as áreas, artísticas, jornalistas, etc... o tema foi "A visita do presidente Nixon (EUA) à China", monopolizou a atenção da imprensa mundial. Destaque três ocorrências de revista ou jornal e analise as à luz da sociologia, da antropologia e da teoria da comunicação". O tema contou a meu favor. Realizei uma boa prova, conseguindo uma das cinco vagas oferecidas na época.

Sidnei - E a senhora fez algum trabalho sobre a entrada da televisão em nossa região?

Maria Esther - O tema do meu mestrado acabou se tornando mais amplo. Sob o título "Comunicação

e Mudança na Zona Rural de Ribeirão Preto", analisei a entrada da televisão no contexto geral das mudanças ocorridas na zona rural.

Sidnei - E a senhora ainda fez pós-doutorado?

Maria Esther - Sim, de 1986 a 1987 na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris. Foi nessa época que fiz a pesquisa de campo com camponeses de uma pequena região agrícola da Borgonha-Puisaye.

Sidnei - Hoje quais suas atividades?

Maria Esther - Sou docente do centro Universitário Uni-Facef, em Franca, onde me dedico à Docência e à pesquisa. Leciono Antropologia para a graduação, sociologia para a pós-graduação e estou iniciando uma nova pesquisa com migrantes.

Sidnei - E quando a senhora escreveu este seu último livro, "Vivências de Campo, o ofício do pesquisador"?

Maria Esther - Eu redigi o livro em pouco mais de um ano, de fevereiro de 2010 a março de 2011 [o livro, de 172 páginas, foi impresso em 2011 pela São Paulo Cultura Acadêmica e Fundep].

Sidnei - O livro tem quatro capítulos. Um sobre os assentados da Fazenda Primavera, na região de Andradina; outro sobre os camponeses da Puisaye, na região da Borgonha, na França; o terceiro aborda a vida de moradores da periferia de Ribeirão Preto e, por fim, um trabalho com operários da indústria calçadista de Franca. Quais foram os detalhes que mais chamaram sua atenção na pesquisa com os moradores da periferia de Ribeirão, chamado de "O outro lado da Califórnia Brasileira"?

Maria Esther - Certamente, a exclusão social, a segregação social. Na verdade, não há espaço em uma sociedade de classes

Na Primavera, o que mais me marcou foi o grande apego dos lavradores aos valores básicos que norteiam suas vidas: a família, Deus, o trabalho, na superação do que lhes parece ser o cumprimento de um destino: a vida na roça.

que não seja hierarquizado e não exprima as distâncias sociais. As pessoas vivem na periferia porque não têm acesso a tudo aquilo que o urbano oferece a "meia dúzia de gatos pingados", ou seja, a uma parcela reduzida da população. Gostaria de acrescentar que essa pesquisa faz parte de um projeto mais amplo, desenvolvido sob minha coordenação, de 1999 a 2003, no âmbito do Programa de Políticas Públicas da Fapesp, em três bairros periféricos. Contou com a participação de três pesquisadores: Sérgio Adas, grande colaborador nessa pesquisa, pessoa por quem nutro especial afeto, Maria Christina Valenciano e Mariza Vinco Campos.

Sidnei - E com os operários da indústria calçadista, a senhora captou o quê?

Maria Esther - Ouvi aposentados e funcionários da ativa. Na fala dos operários aposentados, percebi uma ligação muito grande entre vida e trabalho. Na época em que as fábricas eram menores, e havia o predomínio do modo manufatureiro de produção, as relações entre os operários e mesmo entre patrão - empregado eram mais próximas. Hoje, a lógica do mercado globalizado - regida pela competitividade e produtividade - esvazia o trabalho de significação humana, colocando o, por assim dizer, do lado de fora da vida. Sendo assim, as relações no interior da fábrica não são tão próximas e as exigências de produção são crescentes. É o trabalho divorciado da vida.

Sidnei - E a pesquisa na fazenda Primavera, em Andradina, uma das atividades pioneiras da Reforma Agrária, no começo dos anos 1980?

Maria Esther - A Primavera foi desapropriada pelo Incra em julho de 1980, por se tratar de terras devolutas, pertencentes ao Estado. Pesquisei na Primavera de 84 a 86, durante as férias, em feriados prolongados e quando me era possível. Na Primavera, o que mais me marcou foi o grande apego dos lavradores aos valores básicos que norteiam suas vidas: a família, Deus, o trabalho, a solidariedade vicinal, elementos vitais de cultura que se mesclam e se completam, auxiliando-os na superação do que lhes parece ser o cumprimento de um destino: a vida na roça.

Sidnei - E o que mais chamou sua atenção na Puisaye, na França?

Maria Esther - Na Puisaye, pequena região agrícola, meu interesse foi conhecer o cotidiano camponês por meio dos fenômenos sociais mais elementares - habitação, alimen-

tação, trabalho - e a sociedade envolvente. Chamou-me a atenção o nível de escolaridade (todos têm o primeiro grau completo, cursado em tempo integral), consciência política bastante desenvolvida. Entre outros dados, evidenciou-se o fato de que a manutenção da agricultura familiar não se faz sem altos custos. A agricultura moderna exige grande investimento e aplicação constante de novas tecnologias, excluindo os que não podem se engajar nesse processo. Frente ao mercado competitivo, o camponês é forçado a trabalhar cada vez mais.



Na fala dos operários aposentados, percebi uma ligação muito grande entre vida e trabalho. Na época em que as fábricas eram menores, e havia o predomínio do modo manufatureiro de produção, as relações entre os operários e mesmo entre patrão - empregado eram mais próximas.